

Editor proprietário: José Bernardo da Silva

História de MARIQUINHA



e José de Souza Leão

Preço 40 Cruzeiros

José Bernardo da Silva

História de MARIQUINHA

E José de Souza Leão

Nesta história se vê
a força que o amor tem
e Deus o quanto ajuda
o homem que pensa bem
só a negra falsidade
nunca valeu a ninguém

A força que o amor tem
não há quem possa vencer
dá coragem ao homem fraco
perde o medo de morrer
fica veloz como vento
cria ferida por dentro
quem está fóra não ver

No século próximo passado
José de Souza Leão
era almocreve e morava
no interior do sertão
rapaz de tipo elegante
andava sempre ambulante
na sua especulação

José de Souza Leão
morava no Ceará
numa sêca muito grande
José emigrou de lá
perdeu o que tinha lucrado
veio para o Pernambuco
remir a vida por cá

regravado por
Antonio Lima de Silva
juazeiro.

José percorreu o sul
sem achar colocação
lhe disseram : ali tem
o engenho do capitão
apontaram com o dedo
se o senhor não tem medo
o homem lá é valentão

Disse José: eu vou lá
e seguiu na direção
um velho inda lhe disse:
não vá lá meu cidadão
dou-lhe êste parecer
faz pena até se dizer
quem é êste capitão

O velho disse: meu moço
você me guarde o segredo
nosso capitão aqui
mata gente por brinquedo
não tem dó de ninguém
já enterrou mais de cem
dentro daquêle arvorêdo

José lhe disse: meu velho
isto depende da sorte
o homem para viver
precisa que seja forte
não tema revolução
e se houver precisão
troque a vida pela morte

José nessa ocasião
disse: adeus e foi embora
o velho disse: vai te
com Deus e Nossa Senhora
José saiu tangendo
o velho ficou dizendo:
êle é morto sem demora

José chegou no engenho
com sua cavalaria,
cumprimentou a todos
com a maior cortezia
disse com educação
--bôa-tarde, capitão
como vai vossa senhoria?

O capitão orgulhoso
nem para José olhou
com dez ou doze minutos
o capitão se virou
resolveu outro destino
com cara de assassino
por esta forma falou

--De onde vem o senhor
e o que quer por aqui?
atrevido vagabundo
o caminho é por ali,
José de Souza Leão
disse: eu sou cidadão
morador no Cariri

E sai da minha terra
devido a sêca que há
tenho os meus documentos
sou filho do Ceará
ando aqui neste inferno
mas quando houver inverno
eu terno voltar pra lá

O capitão conheceu
a sua disposição
lhe ofereceu serviço
nesta mesma ocasião
antes que José falasse
mandou êle arrancar-se
num pequeno barracão

O capitão disse: José
nãõ lhe trago enganado
quem nãõ andar direito
eu mando matar sangrado
José disse: muito bem
eu sei que o senhor tem
o seu direito sagrado

O capitão levantou-se
e disse: vamos ali
levou êle pra uma quinta
e mostrou-lhe de persi
um homem lá amarrado
disse: vai morrer sangrado
ninguém o salva daqui

A sepultura aberta
o pobre se lastimando
com 5 cabras ali
pelo patrão esperando
o capitão com um punhal
neste momento fatal
foi logo o pobre sangrando

E depois que matou êle
deu ordem: vão sepultar
e disse para José:
agora vá trabalhar
se faltar com o respeito
irá morrer desse jeito
nãõ tem de quem se queixar

José foi trabalhar
disse: já sei como é
o capitão agradeu-se
do trabalho de José
porém êle se enganou
que desta vez encontrou
fôrma que deu no seu pé

José disse: capitão
eu nãõ gosto de ofensa
estou pronto pra servi-lo
sei que o senhor compensa
porém dizia meu pai:
às vezes a coisa nãõ sai
do jeito que a gente pensa

No outro dia, José
seus cavalos carregou
no ponto determinado
bem direito trabalhou
com modesta educação
até mesmo o capitão
daquilo se admirou

Com um mês e poucos dias
que José trabalhava
José estava benquisto
já o capitão conversava
achando tudo bem feito
muito alegre e satisfeito
já criticava e zombava

Um dia o capitão disse:
vamos lá em casa, José,
quero que tu hoje vá
tomar comigo um café
Mariquinha quer mandar
encomenda pra comprar
vamos saber o que é

José tomando café
na mesa da refeição
Mariquinha quando viu
José de Souza Leão
su'alma teve alegria
um raio de simpatia
atingiu-lhe o coração

Mariquinha saiu fora
sorrindo lhe deu bom-dia
fez um sinal de namôro
um riso de simpatia
como quem não tem mistério
José ficou muito se'rio
fez de conta que não via

Mariquinha acelerada
vinha na ponta do pe'
e de lá do corredor
piscava o olho a Jose'
achando lindo o moço;
o que passou-se no almoço
o capitão não deu fe'

Jose' disse: capitão,
vou fazer o seu mandado;
foi e veio com urgência,
trouxe tudo de agrado
temendo a sorte mesquinha
o namôro de Mariquinha
deixou-lhe impressionado

Mariquinha, depois disso
fez um bilhete escondido
para Jose' de Souza
suavisando o sentido;
disse ao velho, com afeto:
---papai, falta um objeto
que eu tinha me esquecido

Mariquinha disse: papai
quando seu José passar
eu tenho outra encomenda
para ele não comprar
mentira, era uma cartinha
dizendo: sou Mariquinha
que nasci pra te amar

O capitão disse: José
Mariquinha não se lembrou
de botar outra encomenda
por isso tu não comprou
o rol escrito não tinha
quem sabe é Mariquinha
o objeto que faltou

José botou o cavalo
pelo lado do portão
Mariquinha veio sorrindo
com um bilhete na mão
dizendo: José, entenda
me traga esta encomenda
que eu tenho precisão

José chegou adiante
lembrou-se e foi olhar
o bilhete dizia assim:
eu nasci pra te amar
te entrego meu coração
José de Souza Leão
tenha dó do meu penar

Os rapazes desta terra
não me pedem em casamento
todos temem a meu pai
vivo neste sofrimento
sem carinho e sem agrado
meu pai é quem é culpado
dêste meu padecimento

José soltou um gemido
fez o semblante mudado
os outros lhe perguntaram
você está adoentado?
José apalpou o pulso
e disse: isso é um soluço
que eu tenho acostumado

José dizia consigo:
que sorte é esta minha?
desgraçado é quem não morre
pelo amor de Mariquinha
com meu gênio rijo e forte
troco a vida pela morte
chegando a sorte mesquinha

José escreveu um bilhete
com dedicada atenção
—se confia em meu poder
eu juro em meu coração
por nosso Deus de Israel
sou teu amante fiel
José de Souza Leão

José' prosseguiu dizendo
por esta forma assim:
de hoje a oito dias,
você espere por mim
que eu chego num instante
da meia-noite em diante,
lá no portão do jardim

Vendo os cavalos a seu pai,
e digo que vou embora,
deixo o cavalo melhor
para levar a senhora
pr'as zonas do Cariri
e quero sair daqui
da meia-noite a uma hora

Não convém que ninguém saiba
cuidado no capitão;
depois que eu sair daqui,
rumar ao alto sertão
a minha volta e' ruim
ninguém vá contra mim
porque perde na questão

José' fingiu-se doente
sufrendo do coração,
com muita benevolência
pediu para a capitão
deixar êle ir embora
disse êle: qualquer hora
está a sua disposição

Devido estar doente
o capitão combinou
vá visitar os seus pais
José lhe disse: eu vou
visitar o meu sertão
atè mesmo o capitão
lágrimas por êle botou

José de Souza vendeu
8 cavalos que tinha
fez um conto e oitocentos
então disse a Mariquinha:
vamos até para a lua
a minha sorte è a tua
a tua sorte è a minha

O capitão Oliveiros
pagou-lhe todo ordenado
o dinheiro dos cavalos
e deu-lhe mais um agrado
dê cem mil réis em dinheiro
disse a um cangaceiro:
José è homem inteirado

O capitão inda deu-lhe
um punhal e um facão
um granadeiro velho
que parecia um canhão
—tú diz a quem te venera
que estavas mais uma féra
mas é um lindo patrão

José disse: muito bem
eu fui bem grãtificado
estou muito agradeido
eternamente obrigado
devo favores sem fim
e precisando de mim
conte com o seu criado

O capitão conheceu
que José tinha coragem
José durante esse tempo
pensava na sua imagem
só êle e ela sabia
até que chegou o dia
de seguirem a visgem

José de Souza possuia
um bom cavalo rudado
com arreios muito bons
estava bem preparado
de cavalo e armamento
o seu herói pensamento
já tinha um plano formado

Às onze horas da noite
José chegou no portão
Mariquinha já estava
com uma bolsa na mão
duma calçada que tinha
José montou Mariquinha
rumou ao alto sertão

Um cachorro da fazenda
que chamava-se espadarte
acompanhou a José
José com o bacamarte,
o facão e o punhal
disse: com esse animal
eu brigo em qualquer parte

Era uma noite de Outono
a lua resplandecia
e as estrêias brilhavam
José de Souza dizia
à sua imagem adorada:
para a nossa jornada
a noite é melhor que o dia

Às seis horas da manhã
José com a sua amante
sairam numa fazenda
com 20 léguas distante
tomaram leite e café
Mariquinha disse: José
cuidado, vamos adiante

Se montaram e depois
seguiram a mesma jornada
por um sertão esquesito
onde não tinha morada
andaram uma semana
o tigre suesuarana
vinha insultá-los na estrada

Quase que morre de sede
no interior do sertão
numa grande travessia
da serra do Espigão
mas Deus o auxiliou
por felicidade achou
água em um caldeirão

José de longe avistou
o penhasco dum rochêdo
e no pé da grande serra
continha grande arvorêdo
era um pé de trapia
José abrigou-se lá
naquele enorme degrêdo

As onze horas do dia
José fez a refeição
chegaram dois cangussus
nessa mesma ocasião
vinham esses cangussus
arrebentando bambús
que parecia um dragão

Um investiu a José,
mais êle muito ligeiro
em cima do peito esquerdo
disparou o granadeiro,
êle tombou e caiu
José de Souza sorriu
fez como 1 homem guerreiro

O outro logo enfrentou
José de Souza Leão
logo na primeira tapa
tomou-lhe logo o facão
Mariquinha aí gritou:
José, o cachorro chegou,
segura o punhal na mão

José puxou o punhal
fez que nem deu cavaco
a fera partiu pra êle
José como um macaco
veloz igual a giranda
torceu o corpo de banda
cravou-lhe bem no suvaco

O tigre deu um esturro
que a terra estremeceu
o cachorro ferrou nêle
e o tigre esmoreceu
José pegou-lhe na cauda
deu-lhe outra punhalada
o tigre velho morreu

José disse: Mariquinha
é tarde, vamos embora
mas outro homem não faz
a cena que fiz agora
em todo ato ruim
basta eu ter por mim
Jesus e Nossa Senhora

José seguiu a viagem
quando foi no outro dia
seu cavalo afracou
numa grande travessia
já com cem léguas distante
o seu cavalo importante
morreu e não fez covardia

Onde o cavalo morreu
perto tinha uma cheupana
morava nela um caboclo
chamava-se êle Santana
sem barba, calvo, franzido
tinha um olho ruído
sem um sinal de pestana

José pediu ao caboclo:
eu quero aqui um lugar
aonde ninguém me veja
que eu possa descansar
desculpe eu encomodá-lo
vá me comprar um cavalo
custe lá o que custar

Deu-lhe quinhentos mil réis
dizendo: confio em ti
compre um cavalo bom
traga êle para aqui
enquanto eu tenho descanso
eu quero ver se alcanço
as terras do Cariri

O caboclo levou José
pra dentro dum palmeiral
e lhe disse: fique aqui
que não lhe sucede mal
podem dormir até
pediu o dinheiro a José
e foi comprar o animal

José para a viagem
tinha dinheiro na bolsa
coragem e disposição
robustez e muita força
pra defender sua espôsa
deixemos José de Souza
tratamos no pai da moça

Quando o dia amanheceu
o capitão foi narrar
a falta que José fez;
como eu hei de passar?
disse a velha: Mariquinha
não está na camarinha
só mandando procurar

Faltam três vestidos dela
o chapéu e a bolsinha
ela em casa não está
já procurei na cozinha
não sei isso o que é
meu velho, e foi José
que carregou Mariquinha!

O capitão deu um urro
que a terra estremeceu
uma das damas desmaiou
uma moça adoeceu
a negra ficou doente
tinha um leão na corrente
quebrou os ferros e correu

Disparou o granadeiro
que os rochêdos abalaram
25 cangaceiros
nêste momento chegaram
prontos para execução
— o que há seu capitão?
tôdos assim perguntaram.

O capitão Oliveiros
disse: o diabo se soltou
o cabra José de Souza
que sempre me trabalhou
me carregou Mariquihha,
tanto amor que eu lhe tinha
veja com que me pagou.

Um cabra lhe disse: qual
não é nada capitão
o que quizer que se faça
nos dê a ordem, patrão
o capitão deu uns ais
dizendo: sigam atraz
daquêle cabra ladrão

Matem aquela infeliz
deixem o urubu comer
e matem José de Souza
suceda o que suceder
não façam gôsto a nenhum
a orêlha de cada um
é só o que quero ver

Cinco cabras dos perversos
seguiram pela batida
dizendo: vamos pegá-los
no descanso ou na dormida
daqui para o Ceará
e o capitão ficou lá
como fêra destemida

Proseeguiram no roteiro
pela mesma travessia,
com 4 dias e meio
às 11 horas do dia
quase no fim da semana
sairam na tal choupana
onde o caboclo residia

Perguntaram ao caboclo:
quem foi que passou aqui
de ontem para hoje?
disse o caboclo: eu vi
e estão ali por traz
uma moça e um rapaz
que vão para o Cariri

O caboclo foi mostrá-los
como falso traíçoero
dizendo êle: José morre
eu fico com o dinheiro
com esse plano ô mostrou
mais o feitiço virou
por cima do feiticeiro

José disse: Mariquinha
creio que estamos cercado
com cabras do capitão
se deite e tenha cuidado
que vou enfrentar a luta
aqui dentro dessa gruta
eu brigo entusiasmado

Os cabras então detonaram
5 tiros de uma vez
José de Souza então
deitou-se com rapidez
fez tática pra não morrer
faz pana até se dizer
o estrago que José fez

José de Souza gritou:
abram os olhos negrada
vinte cabras de vocês
ainda não me atrapalha
disparou o granadeiro
matou até o derradeiro
como um tiro de metralha

O cabocle estava perto
vendo a destruição
disse: oh! José danado,
aquele homem é o cão
eu aqui não fico em paz
o cachorro correu por traz
bateu com êle no chão

O miserável do caboclo
gritava de fazer dó
José de Souza na beca
o cachorro no mocotô
também atraz de rasgá-lo
José antes de matá-lo
deu-lhe muito de cipô

José desceu-lhe o facão
abriu-lhe a cabeça bem
então disse: Mariquinha
um facão assim convém
agora estou descansado
êste caboclo danado
não é mais falso a ninguém

Mariquinha se vexou
reclamando a sorte dela
José entrar em trabalho
numa batalha daquela
com pena de seu amante
eu achei interessante
o que José disse a ela

José disse: Mariquinha
não queira se arrepende
quem vai ao campo da luta
perde o medo de morrer
eu brigo com um batalhão
mato até o capitão
me desgraço por vacê

Nós vamos agora mesmo
àquela povoação
casaremos com brevidade
de lá vamos ao capitão
com a maior brevidade
de gosto ou contra a vontade
êle lhe bota a benção

Chegaram em S. Francisco
se dirigiram à matriz
o sacristão mandou logo
chamar o padre Luiz
êle fez o casamento
receberam o sacramento
oh! que momento feliz

O delegado indagou
José de Souza quem era
êle disse: sou um ente
pior que a bêsta fera
não presto nem pra morrer
o delegado disse: o que?
— estou falando é de veras

José de Souza ameaçou-lhe
na bôca do granadeiro
o delegado disse: vôtes
êste homem è cangaceiro
o padre correu da matriz
assombradissimo não quiz
mais receber o dinheiro

José de Souza seguiu
não achou com quem brigar
dizendo; tenho certeza
que vou morrer ou matar
se o espírito não me engana
eu sei que o velho se dana
na hora que nós chegar

José tinha comprado
outro cavalo passeiro
quase bom como o primeiro
que galgava o taboleiro
moderno, branco e macia
José disse: eu confio
sòmente no granadeiro

O capitão tinha pedido
uma chibara de café
assentado no terraço
quando ouviu um tropé
da casa se aproximando
lá vinha urgente chegando
Mariquinha mais José

José urgente saltou
do seu cavalo no chão
escalou o granadeiro
em cima do capitão
fazendo uma manilha
bote a benção em sua filha
me diga se bota ou não!?

O capitão disse: eu boto
a velha disse: eu também
abraçaram-se ali todos
o capitão disse: bem,
agora bateu o jogo
és meu genro sou teu sogro
nas horas de Deus, amém

A velha abraçou José
deu-lhe um aperto de mão
o velho também lhe disse:
agora não há questão
José é rapaz direito
estou muito satisfeito
temos um genro valentão

Oliveiros de Vasconcelos
era o nome do capitão
a sua espôsa Dalila
Maria da Conceição
Maria Nunes Clemente
era a mulher do valente
José de Souza Leão. FIM

Discussão de Antonio Eugênio

Com Rufino Fonsêca

Leitores, faz o obséquio
de ler moderadamente
uns versos sôbre o passado
e outros sôbre o presente
duma discussão que tive
com um velho inteligente

Em Junho de 36
fui cantar em um lugar
brinquei e arranjei dinheiro
levei a noite a farrar
e disse no outro dia:
só saio quando almoçar

Tinha um velho apreciando
o meu cantar de repente
eu cantei e namorei
fumei e bebi aguardente
depois eu disse na ferra:
tempo bom é o presente

Disse o velho: seu Antonio
o senhor está enganado
tempo bom alcancei eu
hoje o mundo está virado
eu quando me lembro digo,
- tempo bom foi o passado

A-Meu velho, não diga isto
seu tempo foi arrasado
o povo era quadrado
eu não vi mas dou por visto
afirmo por Jesus Cristo
como o senhor está demante
ou então está doente
sofrendo até de nervoso
seu tempo foi horrroso
tempo bom é o presente

R-Quando em minha mocidade
irmão respeitava irmão
não se falava em ladrão
e ninguém tinha maldade
não havia vaidade
o povo era comportado
o solteiro e o casado
não viviam de anarquia
a desonra não havia
tempo bom foi o passado

A-Meu velho, veja o que diz
medite e preste atenção
houve até escravidão
naquêlo tempo infeliz
vivia nosso país
cheio de homem valente
seu coronel seu tenente
protegia cangaceiro
assassino e desordeiro
tempo bom é o presente

R--Tempo bom alcancei eu
milho, farinha e feijão
batata, fava e melão
isto eu nunca comorei
e com leite me criei
com queijo e carne de gado
três quilos por um cruzado
hoje é quarenta e oito
por isso digo e sustento
tempo bom foi o passado

A-É certo, meu cavalheiro
o senhor falou exato
sim que tudo era barato
mas não havia dinheiro
qualquer um arruaceiro
com trinta mil réis somente
mandava dar surra em gente
era um dinheiro miúdo
hoje o ganho dá pra tudo
tempo bom é o presente

R Foi a República que trouxe
essas fortunas tão fracas
custava onze patacas
um boi por grande que fôsse
o tempo bom acabou-se...
um bode era um cruzado
um carneiro ou um cevado
vivia no abandono
couro e fato era sem dono
tempo bom foi o passado

A—Aquilo foi um azar
era um pessoal grosseiro
certo que tinha dinheiro
por não ter com que gastar
não sabia nem luxar
ninguém andava decente
caía um pobre doente
nem farmácia nem doutor
hoje tem tudo a favor
tempo bom é o presente

R—Deixe de sua ilusão
valha-se de Santa Inácia
porque médico e farmácia
se chama chupa tostão
com remédio e injeção
o doente é curado
mas sendo compra fiado
para seu mal não tem cura
termina na sepultura
tempo bom foi o passado

A—Naquela época groceira
de luz não tinha uma toxa
ciume era roer broxa
namôro era fazer cêra
corta-jaca era chaleira
um bebê era inocente
até macaca foi gente
um homem era um varão
uma roupa era gibão
tempo bom é o presente

R—O mundo era um jardim
existia serimônia
o povo tinha vergonha
esta, a tempo levou fim
hoje só tem gente ruim
ilude e compra fiado
vem outro e toma emprestado
sendo velhaco não paga
afinal é uma praga
tempo bom foi o passado

A—Era pobre a nação
desde o sul até o norte
não existia transporte
nada havia exportação
nem carro nem osminhão
nem telegrama decente
nem rádio suficiente
nem telefone nem trem
hoje tudo isso tem
tempo bom é o presente

R—Do jeito que o senhor diz
vai me dando mil razões,
fôram estas invenções
que desgraçaram o país
desde o padre ao juiz
trazo mundo explorado
mais um imposto danado
um governo morto a fome
o nosso lucro é o nome
tempo bom foi o passado

A- Seu tempo foi mais ruim
o povo não tinha prumo,
fumar era beber fumo
sapato era bruziguim
padrinho era padrim
eram cégos inteiramente
e era um povo insolente
só vivia de insultar
levantar falso e matar
tempo bom é o presente

R- Hoje a humanidade
pela culpa se condena
pade crer, eu tenho pena
desta infeliz mocidade
rapaz de menor idade
um ruído outro envergado
um mudo outro aleijado
um cégo outro ferido
um inchado outr nogente
tempo bom foi o passado

A- Meu velho, você caiu
agora em minha esparrela
cólera e febre amarela
foi que mais o senhor viu
a ciência descobriu
injeção mui excelente
hoje se cai um doente
rapidamente é curado
tem a medicina a seu lado;
tempo bom é o presente

R- As mulheres antigamente
ardavam todas compostas
tranças louras sobre as costas
tornava as mulheres decente
não trajava curtamente
nem o cabelo cortado
nem o suvaco raspado
nem as unhas despontadas
nem sobranceiras pintadas
tempo bom foi o passado

A- Isso é da sociedade
da classe da alta roda
mesmo essa última moda
compõe bem a mocidade
nós temos civilidade
podemos trajar decente
a moda de antigamente
hoje todo mundo odeia
toda mulher era feia
tempo bom é o presente

Q- Hoje moças e meninas
namoram até pela feira
têm mais uma roedeira
roe tanto que fica fina
nas janelas, nas esquinas
rapaz com moça abraçado
corpo com corpo ligado
ela diz: oh! caração
estou daquele jeito
tempo bom foi o passado

A- Porém eu gosto de ver
uma menina de suco
e o senhor já caduco
se dana para roer
a mulher gosa o prazer
a moça é excelente
quando vejo em minha frente
uma menina risonha
minh-alma com ela sonha...
tempo bom é o presente

R- Para o sujeito perdido
o mundo está bom demais
moça briga por rapaz
casada deixa o marido
o solteiro é enxerido
com a meretriz de um lado
o casado é amigado
com elas gasta o que tem
disse uma vez, digo cem
tempo bom foi o passado

A- Amigo, vamos deixar
essa nossa discussão
estou com sono, ficará
para outra ocasião
mesmo é tolo o indivíduo
que discute opinião

FIM-JUAZEIRO, 5-6-1962

Preço: 40 Cruzeiros

Tip. São Francisco

de José Bernardo da Silva

Um variado sortimento de
**Romances, Folhetos, Novenas,
Orações. Grande desconto para os
REVENDEDORES**

Rua Santa Luzia, 263-269

Juazeiro do Norte — Ceará